

A vida como ela é

Um herói não precisa ser heroico para ser um herói.

(Jacques Lacan)

Há uma cena no filme “A vida dos outros” (*Das Leben der Anderen*), do cineasta alemão Florian Henckel von Donnersmarck, que é marcante. Trata-se daquela em que Gerd Wiesler, vulgo HGW XX/7, agente da Stasi - a polícia política do regime comunista que vigorou na República Democrática Alemã desde o fim da II Guerra Mundial até a queda do muro de Berlim, em 1989 -, retorna para casa à noite após mais um dia de trabalho e liga o aparelho de televisão para assistir ao noticiário.

Trata-se de uma cena quase patética, considerando o absurdo da situação. Segurando um prato de comida nas mãos o personagem assiste, impassível, à transmissão de notícias que ele, enquanto agente da polícia política alemã dita oriental, sabe de antemão terem sido manipuladas a critério e a gosto do Partido.

É do interior de sua miséria que ele faz ato. Não se trata de uma atitude de deliberada insurgência contra o regime, mas de uma posição subjetiva que advém da possibilidade de, através da escuta clandestina em que consiste sua faina cotidiana, escutar uma palavra Outra, ser tocado por essa fala e, em consequência disso, agir.

Não por acaso essa fala advém de Outra cena (*anderer Schauplatz*), do teatro e da literatura, isto é, do campo da palavra e da linguagem. Menos por acaso ainda esta palavra Outra porta a marca do desejo sexual, banido da existência mecanizada e estéril deste homem que todo dia faz tudo sempre igual – até então.

Este indivíduo solitário, isolado em sua eficiência taciturna - em suma, um bom funcionário -, sentado diante de um prato de comida e notícias requentadas, é dali mesmo que ele extrai sua posição ética, menos heroica do que trágica - e, por isso mesmo, heroica. Sem bravata nem galardão.

Tampouco sem alarde e sem nada esperar em troca, ele enfrenta a lógica implacável do regime comunista e não se furta a pagar o preço – de resto, sem queixas - que advém de seu ato e de sua posição de sujeito. "Por nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis", afirma Lacan.

Ao final, rebaixado de posto, alcança sua grandeza. Torna-se carteiro, isto é, mero entregador de correspondência, torna-se suporte do significante, veículo da palavra que, vinda de um lugar Outro, ele diligentemente faz chegar ao seu destino, para ele - e para todos nós - sempre desconhecido.

É o que me ocorre dizer sobre "A vida dos outros", que é também a nossa.